

Linguagem da internet: do virtual para o não-virtual

Sabrina Beffa Falcão

Jornalista, especialista em Gestão Empresarial (UCAM)

Resumo

Pretende-se verificar, com este artigo, a influência da linguagem da Internet na escrita tradicional. A língua falada, língua escrita e hipertexto são conceituados, neste trabalho, como prerrogativa de que o texto digital, sob a ótica do domínio lingüístico, libera o leitor-usuário das regras estabelecidas no código lingüístico da Língua Portuguesa, ultrapassando os limites do virtual.

Abstract

The purpose of this article is to verify the influence of language used on the Internet in traditional writing. Concepts of spoken language, written language, and hypertext, are mentioned as prerogative that the digital text, viewed from the linguistic domain, frees the reader from the rules established in the code of the Portuguese language, transpassing virtual limits.

Palavras-chave

Linguagem, Internet, escrita.

Introdução

A dificuldade no trato lingüístico, quer na língua falada ou escrita, sempre constituiu preocupação não só para os docentes de Língua Portuguesa, mas também para os que fazem parte de outras áreas de ensino.

A estrutura textual inserida nos padrões tradicionais e treinada pelos especialistas é a mais praticada e, não raro, distancia-se muito da ideal, pecando pelo atropelamento das normas que direcionam a língua padrão. E a dificuldade tende a crescer cada vez mais. Poucos são os que transitam, com facilidade, por esse jogo de palavras caracterizado pelas regras já estabelecidas.

No entanto, a expansão da Internet inaugurou uma nova era, um momento de transição na comunicação, fazendo surgir um novo estilo textual – o hipertexto – um outro texto que permeia as comunicações, em uma interface dinâmica com que flui o processo de comunicabilidade.

O hipertexto sinaliza um novo estilo lingüístico, um texto aberto, livre, solto, sem fronteiras definidas. Nesta ruptura com normas fundamentadas na história e na cultura de um povo e implícitas em seus linguajares formal ou coloquial, ele

caracteriza-se por uma produção independente e extremamente liberal, mas que não exclui, nem pode excluir, outros textos.

É inegável que a gama de possibilidades de informações instantâneas acelera a motivação da multilinearidade nos nexos e redes em contraposição à linearidade do texto tradicional.

O correio eletrônico, por exemplo, é um grande diálogo e as mensagens são informais. Mas ainda assim há níveis de formalidade, dependendo do receptor: do “outro lado” pode estar um amigo, mas também um advogado, um diretor, um reitor... Entretanto, grande parte da comunicação via Internet não deixa de ser mais uma maneira de se conversar escrevendo um texto, principalmente nas mensagens trocadas em tempo real, como nos *chats*. Esta conversa entre duas ou mais pessoas exige uma certa velocidade, fazendo com que os interlocutores usem uma linguagem informal, a qual se aproxima muito da língua falada do cotidiano.

Na Internet, a escrita voltou a ser usada com mais frequência pela proximidade com a língua oral e pela incrível possibilidade de se comunicar com pessoas do mundo inteiro por um meio de comunicação prático e instantâneo.

Com estas transformações, especialistas têm se preocupado com a prática desse novo paradigma textual em relação aos padrões tradicionais estruturados na história e na cultura de um povo. Há uma geração significativa que aderiu a esse novo estilo lingüístico, numa perspectiva de mudança radical, que vem trazendo avanços cognitivos na área do domínio da produção textual.

Existe uma grande polêmica entre os docentes de Língua Portuguesa e disciplinas afins, na qual se questiona se as transgressões à norma culta da língua, típicas do linguajar virtual, estariam ou não prestes a invadir o mundo real.

A proposta desse artigo é a discussão acerca da influência da linguagem da Internet na Língua Portuguesa, questionando se esta nova modalidade constituir-se-á em uma nova evolução dos padrões gramaticais já estabelecidos pela norma culta.

1. Língua escrita e oral

A modalidade referente à língua escrita sempre ocupou um status mais elevado do que a modalidade oral entre gramáticos e estudiosos da Língua Portuguesa. Nos últimos anos, no entanto, sociolinguistas e analistas do discurso vêm se dedicando ao estudo da língua oral e sua interferência na escrita.

Segundo Kato (1986), a escrita e a fala são realizações de uma mesma gramática, mas há variação na forma pela qual as atividades lingüísticas são distribuídas entre as duas modalidades devido a diferenças temporais, sociais e individuais. Tannen (1992) demonstra que as diferenças formais entre a fala e a escrita são o gênero e o registro do texto. Estes possibilitam, muitas vezes, uma mistura das características próprias de cada uma das modalidades.

Pontes (1988) fala sobre a necessidade de diminuir-se o fosso entre a língua coloquial e a literária ou formal, pois, entre elas, existem mais semelhanças do que se pensa. Esta autora, baseada em estudo de Lakoff e Johnson (1980), ressalta que a língua coloquial é repleta de metáforas e que a transposição das metáforas do dia-a-dia para a linguagem literária carrega consigo uma carga de oralidade.

A língua falada e a língua escrita apresentam diferenças retóricas e conceituais, fazendo com que a percepção do escritor em relação à sua audiência (mais formal / menos formal) é que determina as diferenças sintáticas formais das sentenças e sua estruturação em textos.

Acredita-se aqui que a percepção do escritor em relação aos seus leitores e a intenção de criar mais intimidade é que vão determinar um grau maior ou menor de oralidade na escrita, independente de gênero e registro.

2. Texto escrito: do campo físico para o eletrônico

O historiador Chartier (1998) discute a mistura das funções de editor, autor e leitor. Hoje, com as possibilidades abertas pela Internet, qualquer um pode escrever um texto, editá-lo e disponibilizá-lo na rede, desde que possua o equipamento apropriado e saiba manejá-lo.

Com a revolução industrial da imprensa, os papéis do autor, editor, tipógrafo, distribuidor, livreiro, estavam separados. Com as redes eletrônicas, essas operações podem ser acumuladas (Chartier, 1998, p.15).

Historicamente, validando os estudos apontados por Chartier, Barthes (1984) expõe que a escrita real deu ao homem valores visuais lineares e uma consciência fragmentada, ao contrário da rede de convivência profunda dos espaços auditivos, onde a comunicação podia ser multivariada. Fragmentou o espaço de convivência com os indivíduos posicionados em um tempo linear e um espaço euclidiano. A

tipografia terminou de vez com a cultura tribal e multiplicou as características da cultura escrita no tempo e no espaço.

O homem passou a raciocinar de uma maneira linear, seqüencial, alfabética, categorizando e classificando a informação. Tornou-se um ser especializado na produção de novos conhecimentos.

Esta passagem da cultura tribal para a cultura escrita/ tipográfica foi uma transformação para o indivíduo e para a sociedade tão profunda como vem sendo a passagem da cultura escrita para a cultura eletrônica, reforça Levy (1994). Com a chegada da comunicação eletrônica foram delimitados, novamente, o tempo e o espaço da informação. A importância do instrumental da tecnologia da informação forneceu a infra-estrutura para modificações, sem retorno, nas relações da informação com seus usuários.

Conforme aponta Barreto (1997), ao comparar o contexto da comunicação oral com a comunicação eletrônica, percebe-se a proximidade de muitas características, além da coincidência do tempo de transferência que é imediato nas duas situações. Muitas vezes, a comunicação eletrônica, devido à especificidade contextual que pode englobar e junto com as suas características conversacionais, assume uma intencionalidade tribal na publicidade dos fatos e idéias. É a proximidade com as características da oralidade, no que tange ao contexto em que está inserida, desvinculada das normas lingüísticas, que faz a linguagem eletrônica, por vezes, assumir uma intencionalidade tribal, já extinta pela cultura tipográfica, conforme Barthes (1984).

Em relação à linguagem utilizada, a primeira atitude do internauta é fugir tanto quanto possível das rígidas normas da língua escrita, aponta Miglio (2001, p. 32). Pode-se dizer que a despreocupação com as regras gramaticais e a informalidade fazem das mensagens que os internautas trocam entre si uma simulação quase perfeita da língua falada. Para tanto, os internautas se utilizam de uma gama de recursos da própria linguagem escrita.

Grande parte das mensagens trocadas por meio do correio eletrônico, dependendo do destinatário, recebem maior atenção na elaboração textual, obedecendo às normas da língua escrita padrão, pois o internauta predispõe de tempo para a escrita. No entanto, as conversações em tempo real são mais interessantes pelo fato de os interlocutores não disporem de tempo para fazer um planejamento prévio de seu discurso. Nesse caso, a troca de mensagens tem de ser rápida, sem perda de

tempo. Isso faz com que os internautas tenham que criar abreviações, símbolos e sinais que tornem mais rápida a comunicação (Miglio, 1998, p.34).

3. Linguagem no espaço cibernético

Lévy (1994) situa muito bem o meio eletrônico frente aos outros meios de comunicação: “a sucessão da oralidade, da escrita e da informática como modos fundamentais de gestão social do conhecimento não se dá por simples substituição, mas antes por exemplificação e deslocamento de centros de gravidade.” Estamos tão embebidos na galáxia de Guttemberg que não nos damos conta das diversas dificuldades que foram enfrentadas pelo homem na luta pela popularização da escrita.

Pierre Levy define espaço cibernético como um terreno onde está funcionando a humanidade hoje. É um novo espaço de interação humana que já tem uma importância enorme, sobretudo no plano econômico e científico e, certamente, essa importância vai ampliar-se a vários outros campos, como, por exemplo, na Pedagogia (Lévy, 1996).

O espaço cibernético, para o autor, é a instauração de uma rede de todas as memórias informatizadas e de todos os computadores. Atualmente, temos cada vez mais conservados, sob forma numérica e registrados na memória do computador, textos, imagens e músicas produzidos através da mídia eletrônica. Então, a esfera da comunicação e da informação está se transformando em uma esfera informatizada. O interesse é pensar qual o significado cultural disso.

Com o espaço cibernético, tem-se uma ferramenta de comunicação muito diferente da mídia clássica, porque é nesse espaço que todas as mensagens se tornam interativas, ganham uma plasticidade e têm uma possibilidade de metamorfose imediata.

E a partir do momento em que se tem o acesso a essa troca, cada pessoa pode se tornar uma emissora, diferentemente de outras mídias como a impressa ou a televisiva. Então, é possível fazer uma tipologia rápida dos dispositivos de comunicação, onde há um tipo em que não há interatividade porque existe um centro emissor e uma multiplicidade de receptores.

O importante é que a informação esteja sob forma de rede e não tanto a mensagem porque esta já existia em uma enciclopédia ou dicionário. Portanto, a verdadeira mutação se passa em outros aspectos. Ressalta Levy (1996) que, em

primeiro lugar, não é mais o leitor que vai se deslocar diante do texto, mas é o texto que, como um caleidoscópio, vai se dobrar e se desdobrar diferentemente diante de cada leitor.

O segundo ponto é que tanto a escrita quanto a leitura vão mudar o seu papel, porque o próprio leitor vai participar da mensagem na medida em que ele não vai estar apenas ligado a um aspecto. O leitor passa a participar da própria redação do texto à medida em que ele não está mais na posição passiva diante de um texto estático, uma vez que ele tem diante de si não uma mensagem estática, mas um potencial de mensagem (Levy, 1996).

Dessa forma, o espaço cibernético introduz a idéia de que toda leitura é uma escrita em potencial. O terceiro ponto que, sem dúvida, é o mais importante, é que estamos assistindo a uma desterritorialização dos textos, das mensagens, enfim, de tudo o que é documento: tanto o texto como a mensagem se tornam uma matéria.

O espaço cibernético, conforme aponta Marcuschi (2000), está se tornando um lugar essencial, um futuro próximo de comunicação humana e de pensamento humano. O que este novo espaço vai se transformar em termos culturais e políticos permanece completamente em aberto, mas, com certeza, percebem-se implicações muito importantes no campo da educação e da linguagem.

Por isso mesmo, analisa Marcuschi (2000), há hoje, na Internet, muitos espaços específicos para a conversação escrita, para a escrita coletiva, para a publicação de textos individuais, cada qual com sua linguagem própria. Os *chats*, as listas, os sites de criação de textos coletivos e os fóruns são alguns dos espaços mais procurados e mais conhecidos. Neles, cria-se um clima que favorece e provoca os grupos a estabelecerem relações cooperativas, onde os esquemas de pensamento de cada um tornam-se mais complexos, em função dos novos elementos que vão se agregando à medida que o trabalho e o diálogo avançam. E apesar dessa individualidade de idéias há uma regra em comum, um código comum para todos, este “novo idioma chamado internetês” que vem deixando gramáticos em pânico (Marcuschi, 2000, p. 52).

4. Escrita Online

A existência de diferentes modalidades no uso da língua e o domínio da norma culta são questões que preocupam todos os envolvidos com o ensino do idioma. Claro que, apesar da aceitação dos diferentes níveis do uso da língua, o

domínio do padrão culto escrito é condição indispensável para o aprimoramento cultural e intelectual do indivíduo. Segundo Levy (1996), cabe à escola, portanto, ensinar a norma culta escrita, sem menosprezar as demais modalidades da língua consideradas “erradas” por alguns segmentos tradicionalistas do sistema educacional.

No entanto, como foi exposto anteriormente, a primeira atitude dos internautas em ambientes informais é fugir das normas da língua escrita. Pode-se afirmar que a despreocupação com as regras gramaticais e a informalidade fazem das mensagens que os internautas trocam entre si uma simulação quase perfeita da língua falada. Para tanto, utilizam-se de recursos da própria linguagem escrita, obtendo resultados interessantes.

Nesse sentido, a Internet também criou sua variante da língua. Hoje, milhões de pessoas no Brasil utilizam a Internet. Todos os dias, milhares de novos brasileiros se conectam a essa enorme rede. Cada vez, mais e mais pessoas estão acessando as chamadas salas de bate-papo. Com isso, mais pessoas vão aprendendo o “internetês”, o linguajar do internauta (Miglio, 2001, p. 3)

O internauta não se comunica dentro dos padrões lingüísticos já normatizados, escrevendo as palavras corretamente e obedecendo ao máximo às regras de ortografia. Essa comunicação, no chamado tempo real, tem de ser ágil, dinâmica, não se pode perder tempo digitando as palavras de forma rigorosamente correta, consultando dicionários (Marcuschi, 2000).

Segundo Miglio (2001), outro agravante é que a pluralidade de perfis com diferentes faixas etárias e níveis de escolaridade faz com que grande parte dos internautas não tenha um domínio completo da língua escrita, possuindo dificuldade em redigir um texto seguindo, rigorosamente, as normas da língua escrita culta. Conseqüentemente, o linguajar da Internet com suas abreviações está se inserindo no campo semântico do mundo real, principalmente entre crianças e adolescentes (Miglio, 2001).

A mesma autora apresenta uma questão acerca desse linguajar tipicamente virtual não estar transgredindo a norma culta da língua portuguesa e prestes a invadir o mundo real. Segundo Miglio, é importante considerar que as crianças e adolescentes freqüentadores dos *chats* absorvem o hábito da escrita fora das normas já convencionadas. Mas quando solicitados, em ocasiões formais, respondem às normas da língua portuguesa.

Para Sérgio Nogueira, responsável pela coluna “Língua Viva” do Jornal do Brasil, a linguagem do internauta não vai transpor o não-virtual, onde existe uma barreira natural das pessoas que não entendem nem falam esse jargão (Nogueira, 1999). Para ele, tudo é uma questão do meio onde se processa a conversação. E acrescenta que, mesmo na vida real, as pessoas não costumam ficar atentas à norma culta em um “bate-papo” informal.

Há uma segunda corrente de gramáticos, liderada por Antônio Marco Cassoni, que considera a Internet como influenciadora direta da língua. Segundo Cassoni, o mundo virtual já possui uma linguagem própria e, por mais que a gramática tente segurar esse fenômeno, ele já aconteceu. Esta corrente mais liberal considera que já existe a determinação de regras para códigos da Internet e que os internautas continuam criando novos códigos que serão naturalmente absorvidos pela norma culta.

5. Conclusão

Considerando-se a linguagem como forma de ação entre os homens, cuja função básica é persuadir e convencer, não somente comunicar (Barreto, 1994), é evidente que os estudos da língua já não podem mais estar amparados apenas nos campos da morfologia, da fonética e da sintaxe frasal. É necessário inseri-los em contextos mais abrangentes, incorporando aspectos sócio-culturais e antropológicos, para que se possa estudar e explicar certos fenômenos lingüísticos, como os sintático-semânticos ocorrentes na era das TICs.

É preciso considerar as mudanças que a inserção das novas tecnologias produzem na relação lingüística, privilegiando a interação de jovens e crianças com elas, através da apropriação crítica das novas linguagens, de modo a impedir uma nova roupagem para velhas práticas, evitando a exclusão pura e simples dos novos códigos.

A língua é uma instituição viva, presente no cotidiano e em constante transformação. Dessa forma, a língua não se deteriora, mas se transforma adquirindo novos elementos e pondo outros em desuso. Esse é um processo natural que faz com que as línguas evoluam e acompanhem as transformações sociais, econômicas e culturais dos povos.

A língua escrita e quase falada dos internautas é mais uma das inúmeras variantes de uso da língua portuguesa. Não há dúvida de que este segmento pode influir nas futuras transformações por qual a língua irá passar nos próximos anos.

Referência

- BARRETO, A. de A. *A questão da informação*. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- BARTHES, R. *O Rumor da língua*. Lisboa: Edições 70, 1984.
- CASSONI, A. M. *Entrevista: A comunicação do professor*. 1999. [online]
Disponível na Internet via <http://www.netsite.com.br/revide/080298/entrevis.htm>
- CHARTER, R. *A Aventura do Livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998.
- KATO, M. *No Mundo da Escrita: uma perspectiva psicolinguística*. São Paulo: Ática, 1986.
- LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996.
- MARCUSCHI, L. A. *Linearização, Cognição e Referência: o desafio do hipertexto*. São Paulo: Global, 2000.
- MIGLIO, Mônica. Conversando em internetês. *Internet.br*, Rio de Janeiro, p. 32-35, nov.2001.
- PONTES, E.O. *“Continuum” língua oral e língua escrita: por uma nova concepção do ensino*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998.
- TANNEN, D. *The Oral/Literate Continuum in Discourse: Spoken and Written Language*. New Jersey: Abley, 1992.